

Traduzir línguas próximas: a formação de tradutores do par português-espanhol desde uma perspectiva colaborativa

Translating closely-related languages:
training Portuguese-Spanish translators
from a collaborative perspective

Bruna Macedo de Oliveira¹

DOI 10.52050/9786586030600.c3

Preparando o terreno

O interesse pela comparação entre as línguas portuguesa e espanhola sempre esteve presente em meu percurso acadêmico. Ainda na graduação, durante o bacharelado e a licenciatura em português-espanhol na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e na Faculdade de Educação, ambas na Universidade de São Paulo, as disciplinas de língua me chamavam a atenção, especialmente por jogarem luzes sobre a questão do contraste entre a minha língua materna, o português, e o espanhol.

Entretanto, foram as disciplinas de tradução, optativas em meu curso, que despertaram em mim a pesquisadora que em algum lugar

1 Docente da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). E-mail: bruna.oliveira@unila.edu.br.

existia. Da discussão do método das modalidades de tradução (VINAY, DARBELNET, 1958; BARBOSA, 1990; AUBERT 1998, 2006), surgiu a análise empreendida em um corpus de traduções em nosso trabalho de conclusão de curso, que já realizava uma comparação entre as distâncias e proximidades de nosso par de línguas.

Foi nesse momento também que iniciei minha vida profissional como revisora e tradutora, sobretudo no trabalho com textos técnicos (manuais, artigos, resumos etc.), primeiro como estagiária, sob a supervisão de uma tradutora com mais de 40 anos de experiência, e logo como tradutora.

Já no mestrado, enveredei pelos estudos de processo tradutório, buscando abordar uma face de um fenômeno bastante conhecido, mas que na vertente por mim escolhida não parecia receber tanta atenção assim por parte dos pesquisadores: a interferência exercida pela língua estrangeira sobre a língua materna na tradução.

Pouco depois de concluída essa pesquisa, apresentei-me para o concurso de professora do magistério superior na área de Letras (Língua Espanhola) na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), onde hoje atuo como docente de espanhol língua adicional, pesquisadora e coordenadora de projetos vinculados à tradução, como o Laboratório de Tradução da UNILA, ação de extensão sobre a qual me deterei mais adiante.

Agora no doutorado, como um desdobramento de minha atuação na UNILA, meu olhar se volta mais concretamente para o ensino e a aprendizagem da tradução do par português-espanhol, e carrega consigo as inúmeras aprendizagens, teóricas e práticas, que fizeram parte de minha trajetória.

Toda essa memória que, a princípio, pode parecer prescindível, tem como objetivo mostrar como todas essas experiências, que me constituem e me atravessam, me habilitam a falar sobre a temática abordada no VI Encontro “E por falar em tradução” e podem ser de

interesse para outros colegas que tenham como línguas de trabalho o português e o espanhol.

Das características do formato virtual e etapas da oficina

Uma oficina, como o próprio nome indica, supõe uma atividade prática. Embora se constitua como uma atividade bastante rotineira em nosso ofício, em um contexto tão novo como o que nos trouxe a pandemia do novo coronavírus, era imperativo que essa prática, como tantas outras, fosse revista e respondesse às circunstâncias do momento.

Nesse sentido, foram planejadas as seguintes etapas no desenvolvimento da oficina. Inicialmente, exponho como se estrutura o Laboratório de Tradução da UNILA; depois, discuto algumas problemáticas existentes em torno desse projeto; em seguida, apresento alguns dos pressupostos teóricos que subsidiam minha prática; na sequência, falo de ações que o grupo do Laboratório já realizou; e, na etapa final de nosso encontro, trago alguns exemplos concretos a fim de que sejam apreciados pelos participantes, ao serem convidados a refletir a partir deles sobre o processo de formação de tradutores e as especificidades do par português-espanhol.

O Laboratório de Tradução da UNILA

O projeto de extensão do Laboratório de Tradução surgiu antes mesmo de meu ingresso na UNILA. O gérmen do Laboratório já figurava em minha proposta de atuação acadêmica, requisito do concurso de professor do magistério superior nessa instituição.

Antes de falar do Laboratório e da sua importância, convém contextualizar onde esse projeto tem lugar. A UNILA é uma universidade

federal criada em 2010, durante o processo de democratização do acesso ao ensino superior no Brasil, com o objetivo de se constituir como uma instituição diferente das demais em território brasileiro, já que tem como princípios filosóficos e metodológicos o bilinguismo português-espanhol, a interdisciplinaridade, a interculturalidade, a integração solidária e a gestão democrática. Além disso, propõe que a metade de seu corpo docente e discente seja conformada por brasileiros e a outra metade proveniente dos demais países da América Latina e do Caribe, e que todos os estudantes, independentemente de seus cursos, passem por uma etapa formativa inicial denominada Ciclo Comum de Estudos (CCE), a qual contempla disciplinas nos eixos de línguas (do qual faço parte), filosofia e fundamentos de América Latina.

Dentro dessa concepção de universidade, parecia fundamental que a instituição contasse com um lugar para pensar a tradução. E é assim que em 2016 surge o Laboratório de Tradução da UNILA, como um projeto de extensão cujo objetivo é ser um espaço de formação e de reflexão sobre a tradução. O projeto começa coordenado por mim, mas imediatamente se incorpora a ele como coordenador-adjunto o docente Mario René Rodríguez Torres, colombiano, também professor de espanhol no CCE.

O projeto é aberto a todos os discentes da instituição, tanto da graduação como da pós-graduação, que podem participar como voluntários ou bolsistas, assim como aos seus egressos e a outros docentes da própria universidade que tenham interesse. A cada ano são realizadas chamadas de novos integrantes que passam por uma entrevista e teste para aferir seus conhecimentos nas línguas portuguesa e espanhola, idiomas oficiais da universidade. Depois disso, estes passam por uma etapa de formação teórica inicial, com leituras introdutórias e reuniões de discussão para, na etapa seguinte, realizarem exercícios de tradução e, finalmente, atuarem com tradutores e revisores das demandas assumidas pelo Laboratório.

Existe ainda um grupo de estudos permanente, para o qual todos os membros, novatos ou veteranos, são convidados para discutir as leituras e temáticas por eles selecionadas.

Além de essa prática formativa acontecer no espaço da extensão universitária, é marcada fortemente pela heterogeneidade dos sujeitos que dela fazem parte, tendo contado nesses cinco anos de sua existência com estudantes brasileiros, argentinos, paraguaios, colombianos, salvadorenhos, bolivianos; dos mais diferentes cursos; e com diferentes níveis de conhecimento das duas línguas. Todas essas questões, que podem ser entendidas como problemáticas de um ponto de vista de um lugar de formação, são vistas por nós, docentes, como potencialidades. Potencialidades que se expressam no nível de comprometimento do grupo, de estudantes que se inscrevem livremente no Laboratório não porque visam exatamente ser tradutores profissionais, mas porque desejam se inserir na área e nas discussões a ela inerentes e/ou vislumbram conexões entre a tradução e as discussões empreendidas em seus cursos e, ainda, pelos que querem aperfeiçoar as línguas de nossa instituição, a partir de outro viés e de uma aprendizagem colaborativa.

Nossos pressupostos teórico-metodológicos

O ensino da tradução não é, como nos explica Amparo Hurtado Albir (1999), uma tarefa fácil, nem mesmo quanto à identificação de sua matéria. Segundo a estudiosa, existem ainda alguns fatores que tornam essa prática ainda mais complexa, a saber, a sua identificação com o ensino de línguas, uma concepção literalista da tradução, a ausência de objetivos pedagógicos e a falta de critérios metodológicos.

Outra das problemáticas que concernem ao ensinar a traduzir é a proximidade/distância entre as línguas envolvidas na tradução.

A questão da proximidade é abordada inicialmente nos estudos de aquisição de segundas línguas. Segundo Corder (1983), trata-se de um fator de aceleração no processo de aprendizagem, em especial quando as línguas são semelhantes, já que a língua materna contribuiria significativamente para a aquisição da segunda língua. Porém, nos pontos em que não há tal coincidência, a proximidade pode ter efeitos negativos.

González e Kulikowski (1999), com base em Kellerman (1983), detêm-se na questão da distância/proximidade no par português-espanhol, buscando determinar a “justa medida de una cercanía” no contexto de aprendizagem/aquisição da língua espanhola por estudantes brasileiros. A partir da pesquisa, concluem que além da “distância real”, que normalmente os estudos estritamente linguísticos procuram mensurar, teria um papel relevante na aquisição também a “distância percebida”, isto é, aquela que diz respeito à percepção do aprendiz acerca das duas línguas. A respeito, Cintrão (2006, p. 177) pontua que é a proximidade léxica “que confere ao par português-espanhol uma característica de elevado grau de transparência inicial, em especial na modalidade escrita (...), [e na chamada] ‘distância percebida’”, referida por González e Kulikowski.

No que concerne à tradução propriamente, Hurtado Albir (1990) explica que a proximidade constitui um fator peculiar de dificuldade, sobretudo na etapa que sucede à fase de compreensão e antecede à reexpressão do novo texto: a fase de desverbalização. Presas (2000, p. 26), por sua vez, fala em “poder hipnótico” que o texto fonte exerceria sobre o texto meta: “the hypnotic power which the L2 source text seems to exert on the translator, even when he or she is highly proficient and is translating from L2 into L1.”, fenômeno este constatado, em linhas gerais, durante nossa pesquisa de mestrado (OLIVEIRA, 2013), ao observarmos certos desvios do padrão normal de uso/distribuição de subjuntivos e infinitivos em traduções da língua espanhola para a portuguesa feitas por estudantes brasileiros. Tais desvios faziam

com que os textos finais de nossos sujeitos, apesar de corretos de um ponto de vista gramatical, fossem menos naturais, muito embora eles estivessem traduzindo para sua própria língua materna, o português.

A naturalidade é aqui entendida como aquelas “coisas que de fato são ditas numa dada área de uma dada língua ou variante linguística” (TAGNIN; TEIXEIRA, 2004, p. 315). Em outras palavras, consistiria naqueles enunciados que refletem a linguagem usada pelos falantes em contextos de comunicação determinados, os quais encontram íntima relação com a ideia de convenção, definida por Hatim e Mason (1995, p. 182-183) como “formas convencionales de textos asociados a ocasiones sociales concretas”. Como nos lembra Tagnin (2005, p. 248), “nem tudo o que é gramaticalmente possível na língua é igualmente natural ou usual”, e isso é crucial no âmbito da tradução, já que, enquanto tradutores, precisamos ter claro que a diferença na forma de expressar os acontecimentos não está no que as línguas permitem dizer, mas no que de fato dizem e de que forma o fazem. É por esse motivo que nos interessam os estudos que abordam a comparação entre o português e o espanhol de um ponto de vista distinto, ou seja, considerando essas duas línguas como um artefato mais complexo para o qual contribuem diversos elementos na produção de sentidos, indo muito além do léxico, tendo em conta também a heterogeneidade linguística e os aspectos históricos e ideológicos presentes na relação entre elas. Tais estudos, como os realizados e reunidos por Fanjul e González (2014), apontam uma série de aspectos que podem ser considerados problemáticos no cotejo entre o português e o espanhol, justamente por não responderem, ou não o fazerem sempre, a um mesmo funcionando em cada uma dessas línguas.

Interessa-nos, conseqüentemente, a noção de problema trazida por Nord (2005 [1987]), vinculada à formação de tradutores. Para a autora, um problema de tradução não depende da competência nem tem um caráter individual e exclusivo que se liguem a um sujeito. Os problemas poderiam ser categorizados em quatro tipos: i)

pragmáticos, ii) culturais, iii) linguísticos e iv) textuais (NORD, 2005, p. 174-176). Já as dificuldades de tradução podem ser atribuídas a uma situação concreta e/ou a um indivíduo. As dificuldades, como aponta (NORD, 2005, p. 168-171), se subdividiriam em: i) específicas do texto, ii) dependentes do tradutor (se relacionariam tanto à temática da tradução, como a um *background* cultural do tradutor ou a algum fator intratextual), iii) pragmáticas (relacionadas à natureza da tarefa de tradução) e iv) técnicas (referentes à especificidade do tema tratado no texto). A partir dessa abordagem, compreendemos que um problema de tradução será sempre um problema, tanto para um tradutor novato como para o tradutor experiente. A diferença estaria no fato de que um profissional poderia ter aprendido, ao longo do tempo e com a prática, a lidar com tal problema, podendo resolvê-lo mais fácil e rapidamente do que um iniciante. Deste modo, um problema poderia ou não constituir também uma dificuldade para o tradutor, no caso de um tradutor experiente por exemplo, mas não deixaria de ser um problema.

A questão é também discutida pelo grupo PACTE (2001), mas de forma associada a um dos componentes centrais que conformam a competência tradutória (CT): a subcompetência estratégica, definida como aqueles conhecimentos procedimentais necessários para solução de problemas, e que exerceria um impacto sobre todas as demais subcompetências, uma espécie de controle sobre o processo tradutório. A noção de CT, igualmente tomada do PACTE, é aquela entendida como um conhecimento especializado que consiste em um sistema subjacente de conhecimentos declarativos e, em maior proporção, operacionais, necessários para saber traduzir, e que está composto de cinco subcompetências (bilíngue, extralinguística, conhecimentos sobre a tradução, instrumental e estratégica) e de componentes psicofisiológicos (HURTADO ALBIR, 2005, p. 28).

Mas, como operacionalizar todas essas questões em uma proposta de ensino da tradução que busque sensibilizar os estudantes e

contribuir com o desenvolvimento de sua competência tradutória? Entendemos que um caminho possível para isso é através de uma abordagem socioconstrutivista do ensino da tradução, como a defendida por Kiraly (2000, p. 3-4), para quem:

From a social constructivist perspective, intuitions are dynamically constructed, impressions distilled from countless occurrences of action and interaction with the world and from the myriad dialogues that we engage in as we go about life in the various communities of which we are members. By communicating and negotiating with peers and more experienced (and thus more knowledgeable) others, we acquire a feel for correctness, appropriateness and accuracy, a feel that is grounded in our social experiences, and bound up in the language we use and share with other people.

O trabalho de Kiraly nos interessa porque trata de repensar a forma como os futuros tradutores vêm sendo ensinados e constroem sua rede de conhecimentos e de relações. O autor advoga por um ensino da tradução que se centre na colaboração, em seus distintos aspectos, entre o professor e os estudantes e os estudantes entre si, numa proposta em que o docente atue mais como gestor de projetos, favorecendo a autonomia do alunado.

Algumas das ações do Laboratório

Desde seu início, e sempre com base num trabalho colaborativo, o Laboratório de Tradução da UNILA desenvolveu diversas ações. Destacamos algumas delas a seguir.

Entre as traduções realizadas, na direção português-espanhol, destacam-se os artigos, relatos, entrevistas e resenhas para a Revista Periferias, do Instituto Maria e João Aleixo do Rio de Janeiro, entre os anos 2018 e 2019; os boletins das ações de extensão para a pró-reitoria

de extensão universitária e outros documentos institucionais da UNILA em 2019; e o conjunto de textos da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, publicado em 2019 pela editora da Universidade dos Andes, na Colômbia. Na direção espanhol-português, enfatizamos a legendagem realizada em 2016 do documentário argentino *Lunas Cautivas: historias de poetas presas*, da diretora Marcia Paradiso (2011); a legendagem feita em 2019 do documentário produzido pelo Centro de Direitos Humanos Fray Matías, *Vamos y venimos... Desafiando fronteras / Mujeres de Guatemala trabajando en hogares de Tapachula, Chiapas, México* (2017); e nosso atual projeto, a primeira tradução para a língua portuguesa de *Nosotros los indios* (2017), do importante líder peruano, pioneiro na luta pela terra na América Latina, Hugo Blanco Galdos.

O grupo do Laboratório também participou e contribuiu na organização de eventos, como o Cinedebate do filme *Lunas Cautivas* no Centro de Direitos Humanos de Foz do Iguaçu, e a Roda de Conversa sobre Carolina Maria de Jesus, na Feira do Livro de Foz do Iguaçu em 2019. Além disso, atua de maneira articulada com outros projetos de extensão, como o “Direito à poesia”, coordenado pelos docentes Cristiane Checchia e Mario Torres, que realiza ações junto a pessoas privadas de liberdade, e o blogue “La escritura y el afuera”, coordenado pelos docentes Mario Torres, Cristiane Checchia e por mim, e que busca difundir produções a partir do ou relacionadas com o cárcere.

Como já mencionamos, o Laboratório também promove encontros de formação continuada de seus membros, através do grupo de estudos, em que cada um de seus integrantes sugere temáticas e textos a serem estudados. Por fim, o projeto se articula ainda com os âmbitos do ensino e da pesquisa, por meio de nossa participação em eventos promovidos pelos cursos da UNILA, e como locus para a realização e o desenvolvimento de pesquisas, inclusive de trabalhos de conclusão de curso.

Pensando juntxs

Como seria impossível tratar no tempo de uma oficina a diversidade de questões com as quais nos enfrentamos em nosso cotidiano de trabalho no Laboratório de Tradução da UNILA, decidimos recortar alguns exemplos a fim de que pudessem ser analisados pelo grupo de participantes. Para fomentar o debate, apresentamos primeiro algumas das perguntas que orientam nossa prática de formação, quais sejam:

- Como atender a necessidades de grupos tão diversos?
- Que aspectos são especialmente importantes no trabalho com o par português-espanhol?
- Os aspectos já apontados nos estudos de aquisição para esse par de línguas se comprovam também como problemas de tradução?
- Que outras problemáticas precisam ser tratadas no ensino da tradução desse par?
- Há regularidades no comportamento de aprendizes de tradução do par português-espanhol?

Em seguida, tratamos de observar alguns fragmentos, retirados do livro de Hugo Blanco. Esclarecemos que a tradução de *Nosotros los indios* está sendo realizada por um grupo de tradutores com três docentes de língua espanhola (entre eles, os coordenadores do projeto); uma estudante paraguaia do curso de Licenciatura em Letras Espanhol e Português como Língua Estrangeira, quatro estudantes brasileiras dos cursos de Licenciatura em Letras; Bacharelado em Antropologia; Bacharelado em Relações Internacionais e Integração; Educação do Campo (esta última na UFMG); e por um egresso do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos.

Nos exemplos selecionados, buscamos interagir com o público da oficina, tratando de discutir que aspectos seriam possivelmente problemáticos em cada um dos fragmentos.

Vamos pensar juntxs?

1. Por supuesto, mi viaje a México para asistir como alumno a la escolita zapatista **lo pagué yo** (p. 142)
2. Estaban más que nunca en mi corazón y hablé de ellos a los niños suecos **les** pedí que pensarán en esos niños, que la solidaridad que volcaron en mí **se la** dieran a ellos (p. 75-76)
3. "¡Inclusive a nosotros se está refiriendo **este cholo!**". No, padre, de ninguna manera. (p. 12)
4. **Esa noche** nos amanecemos José María, Sybila y yo. (...) Yo no estoy bien, no estoy bien; mis tuerzas anohecen. Pero si ahora muero, moriré más tranquilo. Ese hermoso día que vendrá y del que hablas (p. 17)
5. Le dijeron que eso terminaría mal, que la lucha armada se debía hacer **cuando la población esté** de acuerdo. (p. 148)
6. He de resentirme **si no envías** eso que escribiste para mí. **Hasta que nos encontremos**, tayta. No te olvides, pues, de mí. (p. 9)

Fragmentos de Galdós, H. B. *Nosotros los indios*

Nasequência, destacamos quais eram os aspectos de funcionamento entre as línguas para os quais queríamos chamar a atenção, como se vê na figura anterior. Entre eles, verificamos em: 1) a topicalização do objeto; 2) o emprego dos pronomes clíticos; 3 e 4) o uso e distribuição de demonstrativos; 5 e 6) a distribuição de tempos e modos verbais em orações condicionais e temporais. Assinalamos que, em nossa prática, tais exemplos se mostraram como problemas de tradução, mas que nem sempre os aprendizes se davam conta disso, ocorrendo interferências e atuando o “poder hipnótico” do texto-fonte em diversos momentos.

Depois disso, passamos aos seguintes trechos e às suas traduções.

- Quizá habrás leído mi novela Los ríos profundos. Recuerda, hermano, el más fuerte, recuerda. En ese libro no hablo únicamente de cómo lloré lágrimas ardientes; con más lágrimas y con más arrebatos hablo de los pongos, de los colonos de hacienda, de **su** escondida e inmensa fuerza, de la rabia que en la semilla de **su** corazón arde, fuego que no se apaga. (p. 9)

- De hecho, la represión policial en esos años con los golpes me separó el cerebro del cráneo. (p. 221)

- Talvez você tenha lido o meu romance, Los ríos profundos. Lembre-se, irmão, o mais forte, lembra. Nesse livro eu não falo somente de como chorei lágrimas ardientes; com mais lágrimas e com mais furor falo dos Pongos, dos colonos da fazenda, da **sua** oculta e imensa força, da raiva que na semente do coração **deles** arde, fogo que não se apaga.

- De fato, a repressão policial nesses anos com as pancadas separou **o meu** cérebro da cabeça.

Fragmento de Galdós, H. B. *Nosotros los indios*

Nosso objetivo com a análise do exemplo anterior foi observar como a expressão da posse nem sempre se constrói da mesma forma em português e em espanhol. Isso fica evidente no emprego de possessivos átonos e tônicos no primeiro exemplo, na tradução para o português de “su escondida e inmensa fuerza” por “sua oculta e imensa força”, por um lado, e na tradução de “su corazón” por “coração *deles*”, por outro, em especial pela necessidade de se evitar ambiguidades no texto final; mas fica ainda mais patente no emprego de possessivo em português, mas não em espanhol na expressão da posse, como acontece no segundo item: “me separó el cerebro del cráneo” por “separou o *meu* cérebro da cabeça”.

Trouxemos ainda um exemplo na direção português-espanhol para discuti-lo com o grupo da oficina. Tratava-se de um fragmento do livro *Quarto de despejo* (1960), da escritora Carolina Maria de Jesus. Novamente buscamos discutir com o público quais questões podiam ser identificadas como problemas caso propusessem tal exercício de tradução para um grupo de estudantes. No encontro, apontamos apenas algumas das problemáticas, como se vê na imagem a seguir.

15 DE JULHO DE 1955 Aniversário de minha filha Vera Eunice. **Eu** pretendia comprar um par de sapatos **para ela**. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. **Atualmente** somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, **lavei e remendei para ela calçar.**

15 DE JULIO DE 1955 Cumpleaños de mi hija Vera Eunice. **Yo** pretendía comprar **le** un par de zapatos. Pero el costo de los géneros alimenticios nos impide la realización de nuestros deseos. **Actualmente** somos esclavos del costo de vida. Encontré un par de zapatos en la basura, **los** lavé y remendé para que ella **los** usara.

Fragmento de Jesus, C. M. *Quarto de despejo...*

No caso anterior, chamamos a atenção para a forma como o uso de pronomes sujeito e complemento, em língua portuguesa, responde a uma lógica distinta da aplicada em língua espanhola, existindo o que a estudiosa Neide Maia González chama de “inversa assimetria” (2008), no que diz respeito à forma como as duas línguas lidam com os argumentos do verbo, impactando não apenas na aprendizagem, mas em distintos níveis de compreensão e, agregamos, no caso da tradução, para a dificuldade de realizar a reexpressão de sentidos, empregando as formas de dizer mais naturais em cada uma das línguas.

Finalmente, observamos um último caso, visto abaixo, também de *Nosotros los indios*, para reforçar que além de considerarmos os aspectos relacionados ao funcionamento das duas línguas, é preciso ter em conta que há distintos problemas de tradução que extrapolam esse âmbito e igualmente podem permear o processo de formação de tradutores.

-... y después dice con palo lo había hecho pegar, de allí ya no estaba como debe ser, enfermo-enfermo nomashá andaba, se ha muerto el año pasado, pero está habiendo sus hijos, dos está habiendo, ahora en asamblea te van a contar todo bien, todo están sabiendo ellos; con curanderos también han hecho ver, otro de aquí nomás, otro desde Ocongate han traído. Al Cusco también han llevado, en hospital no han querido recibir, "no hay cama" diciendo. Cada día más flaquecía, sus ojos también hueco-hueco nomashá. (p. 42)

Fragmento de Galdós, H. B. *Nosotros los indios*

No fragmento anterior, é forte a presença não só no léxico, mas também na sintaxe, de elementos da língua quéchua. A questão que se coloca para nós como tradutores e formadores aqui é, então, como lidar com essa problemática, que envolve aspectos culturais plasmados na linguagem, sem o que texto resulte artificial.

Por onde enveredamos?

Por entender que cada situação de formação é única, não cabe falar em fórmulas para o ensino de tradução. Há, e que bom que há, muitos caminhos a serem trilhados, (re)descobertos e (re)criados.

Durante nossa oficina no VI Encontro “E por falar em tradução” tratamos de discutir como se estrutura nosso projeto do Laboratório, trazer à baila algumas das referências que nos acompanham e subsidiam nossa práxis, apresentar algumas das ações já realizadas pelo grupo e analisar fragmentos de textos trabalhados com nossos estudantes, a fim de identificar aspectos que podem se constituir como problemas de tradução. Como antes dissemos, nosso contexto

de atuação é bastante peculiar e atender às necessidades de nosso grupo é bastante desafiador. Hoje o que buscamos em nossa prática é:

- Trabalhar a partir dos problemas surgidos durante o processo tradutório, por entender que uma lista de possíveis pontos de contraste não funciona no vazio, apenas se mobilizados em textos reais com os quais estejamos lidando e com um fim específico;
- Realizar oficinas-encontros que discutam esses problemas, do ponto de vista do funcionamento de cada uma das línguas e variedades de trabalho;
- “Poner en valor la extranjeridad” (BURNEO SALAZAR, 2018), isto é reconhecer a diversidade linguística de nosso grupo e como ela estará presente em nossos trabalhos; e
- Promover a autorreflexão sobre o processo tradutório, para que esses problemas, agora tratados de um viés de um conhecimento declarativo, possam mais adiante ser solucionados de maneira mais automática, tornando-se, assim, um conhecimento operacional, nos termos do grupo PACTE.

Isso só é possível, de nosso ponto de vista, a partir da adoção uma perspectiva de socioconstrutivista do conhecimento, com *projetos reais* de tradução, nos quais os sujeitos possam se ver envolvidos e comprometidos com prazos e com as circunstâncias reais que todo tradutor tem de lidar; além disso, promovemos a *autonomia* de nossos estudantes, que vai desde a escolha dos projetos tradutórios que realizaremos ou não, até a própria autogestão dos projetos; trabalhamos com *revisões entre pares*, a fim de que a colaboração entre os membros contribua com o processo de aprendizagem mútua que escute e valorize vivências e saberes outros, olhares não-hegemônicos e decoloniais; nos definimos como um grupo que prima pela horizontalidade e a negociação, no qual as *decisões são tomadas*

sempre em conjunto, ou seja, não é a figura da/o docente que detém o poder da palavra final sobre os problemas encontrados, ou, tomando emprestadas as palavras de Blanco, no Laboratório *quem manda é a coletividade*. Entendemos que esse processo está em contínuo desenvolvimento e que a experiência formativa do Laboratório é única, tanto para nós como para cada um dos sujeitos que por ele passou.

Referências

AUBERT, F. H. (1998). Modalidades de tradução: teoria e resultados. *TradTerm*, São Paulo, v. 5.1, p. 99-128]

AUBERT, F. H. (2006). Em busca das refrações na literatura brasileira traduzida – Revendo a ferramenta de análise. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, 9, p. 60-69.

BARBOSA, H. G. (1990). *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. 2a ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

BURNEO SALAZAR, C. (2018). “Sobre los manifiestos. La traducción como afirmación de la diferencia”. En: *Actas de las Jornadas Internacionales de Traducción Comparada: Variedades Regionales en las Lenguas de Traducción*. Buenos Aires: Instituto Cervantes.

CINTRÃO, H. P. (2006). *Colocar lupas, transcriber mapas. Iniciando o desenvolvimento da competência tradutória em nível básico de espanhol como língua estrangeira*. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-08082007-145636/pt-br.php>>. Acesso em: 03 fev. 2021.

CORDER, S. P. (1983). A role for the mother tongue. In: *Language transfer in language learning*. Amsterdam Philadelphia: John Benjamins Pub. Co., 1993, p. 18-31.

FANJUL, A. P.; GONZÁLEZ, N. M. (orgs.). (2014). *Espanhol e português brasileiro: estudos comparados*. 1ed. São Paulo: Parábola Editorial.

GONZÁLEZ, N. T. M.; KULIKOWSKI, M. Z. M. (1999). Español para brasileños. Sobre por dónde determinar la justa medida de una cercanía. *Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos*, v. 9, p. 11-19.

HATIM, B.; MASON, I. (1990). *Teoría de la traducción*. Una aproximación al discurso. Barcelona: Ariel, 1995.

HURTADO ALBIR, A. (1990). Conclusion. In: *La notion de fidélité en traduction*. Publications de la Sorbonne, Col. Traductologie n.º 5. Paris: Didier, p. 219-228.

HURTADO ALBIR, A. (1999). *Dir. Enseñar a traducir: metodología en la formación de traductores e intérpretes*. Madrid: Edelsa.

HURTADO ALBIR, A. (2005) A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. In: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C. M.; ALVES, F. (org.) *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 19-57.

KELLERMAN, E. (1983). Now you see it, now you don't. In: GASS, S.; SELINKER, L. *Language transfer in language learning*. Rowley, Mass: Newbury House, p. 112-134.

KIRALY, D. (2000). *A social constructivist approach to translator education: empowerment from theory to practice*. Manchester, UK; Northampton, MA: St. Jerome Pub.

NORD, C. (1987). Applications of the model in translation training. In: *Text Analysis in Translation: Theory, Methodology and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis*. 2.nd Edition. Rodopi: Amsterdam/New York: 2005, p. 155-190.

OLIVEIRA, B. M. (2013). *Análise da interferência em traduções do gênero receita realizadas por estudantes brasileiros de espanhol como língua estrangeira*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-18122013-123125/pt-br.php>>. Acesso em: 03 fev. 2021.

PACTE (Proceso de Adquisición de la Competencia Traductora y su Evaluación). (2001). La competencia traductora y su adquisición. In: *Quaderns*. Revista de Traducción, 6, p. 39-45.

PRESAS, M. (2000). Bilingual Competence and Translation Competence. In: SCHÄFFNER, C.; ADAB, B. (ed.). *Developing Translation Competence*. Amsterdam: John Benjamins, p. 19-31.

TAGNIN, S. E. O.; TEXEIRA, E. (2004). Linguística de Corpus e Tradução Técnica – Relato da montagem de um corpus multivarietal de culinária. In: *TradTerm*, São Paulo, v. 10, p. 313-358.

TAGNIN, S. E. O. (2005). O humor como quebra da convencionalidade. In: *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. Belo Horizonte, v 5, n. 1, p. 247-257.

VINAY, J. P.; DARBELNET, J. (1958). Introduction. In:_____ *Comparative Stylistics of French and English*. A Methodology for translation. Amsterdam: John Benjamins, p. 7-50.